



As Novas Comunidades e a relação entre os dons carismáticos e os dons hierárquicos: Ecclesiologia e Pastoral a serviço do Evangelho

The New Communities and the relation between
carismatic and hierarchical gifts: Ecclesiology and
Pastoral Ministry at the service of the Gospel

*Dom Antonio Luiz Catelan Ferreira**
PUC-Rio

Recebido em: 07/07/2023. Aceito em: 25/07/2023.

Resumo: *A reflexão sobre as Novas Comunidades é proposta a partir de duplo referencial: por um lado, as características da cultura urbana e o desafio que esta constitui para a renovação eclesial; por outro, a teologia dos carismas e a relação exigida entre os dons carismáticos e os dons hierárquicos. A modo de estado da questão, a reflexão teológica e as orientações magisteriais são revisadas em vista de respostas concretas aos desafios pastorais. Dessa revisão emerge o reconhecimento da eclesialidade e da relevância das Novas Comunidades para a missão da Igreja. O percurso reflexivo e analítico leva à conclusão de que o Concílio Vaticano II é o referencial teológico fundamental para a compreensão da eclesialidade das Novas Comunidades; que as Novas Comunidades podem e devem ser compreendidas no rico e diversificado movimento de recepção conciliar, especialmente de sua teologia dos carismas e do reconhecimento da pluralidade de sujeitos eclesiais na comunhão e a serviço da evangelização; e que são fundamentais a abertura e o diálogo entre os diversos agentes da evangelização em vista de uma presença significativa e servidora da Igreja em contexto urbano.*

Palavras-chave: *Evangelização; carismas; ministério hierárquico.*

* Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Doutor em Teologia Dogmática (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2011). Mestre em Teologia Sistemática (Faculdade de Teologia de Nossa Senhora Assunção, São Paulo, 2002). Docente do Departamento de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

E-mail: catelan@puc-rio.br.





Abstract: *The reflection on the New Communities is proposed from a double point of reference: on the one hand, the characteristics of urban culture and the challenge it constitutes for ecclesial renewal; on the other, the theology of charisms and the required relationship between charismatic gifts and hierarchical gifts. As a state of the matter, theological reflection and magisterial guidelines are reviewed in view of concrete responses to pastoral challenges. From this review emerges the recognition of the ecclesiality and relevance of the New Communities for the mission of the Church. The reflective and analytical course leads to the conclude that the Second Vatican Council it is the fundamental theological reference for the understanding of the New Communities; that the New Communities can and must be understood in the rich and diverse movement of conciliar reception, especially of its theology of charisms and recognition of the plurality of ecclesial subjects in communion and at the service of evangelization; and that openness and dialogue between the different agents of evangelization are fundamental in view of a significant and serving presence of the Church in an urban context.*

Keywords: *Evangelization; charisms; hierarchical ministry.*

Introdução

O anúncio de Jesus Cristo e o amadurecimento da fé são reclamados com acentuada urgência pelo contexto sociocultural atual, pois são desafios fundamentais que se apresentam à Igreja. São, fundamentalmente, dois aspectos complementares, ou, melhor ainda, dois aspectos essenciais da fé cristã: à experiência do encontro com Cristo, seguem-se, juntas, a necessidade de aprofundamento e de partilha, de crescimento e de missão. Em ambos estes aspectos, a vida comunitária é reclamada também essencialmente. Ninguém se dá a fé a si mesmo, ela, que “da Igreja a recebemos e sinceramente professamos”, é “a razão de nossa alegria” (*Ritual do Batismo*). Desse modo, são três elementos conjuntos e inseparáveis que se nos apresentam: o anúncio de Jesus Cristo, o crescimento na fé e a vida comunitária. Com eles, nos situamos no âmago do que caracteriza o cristianismo do ponto de vista da experiência, do vivido. *A fides qua*, como classicamente é designada.

O contexto cultural atual, dentro do qual a Igreja interage para cumprir sua missão evangelizadora, requer o reconhecimento e a valorização de todos os recursos autênticos que possam contribuir para que possa se dar a fé, enquanto experiência de encontro, capaz de transformar a existência humana e dar-lhe uma direção caracteristicamente cristã. E mais ainda, para alimentar e dar suporte a essa forma de existência, há necessidade do oferecimento consistente de percursos de amadurecimento da fé que favoreçam a adesão à totalidade da doutrina cristã, que é o



aspecto racionalmente iluminador da forma de vida cristã. Aqui se trata do aspecto da fé que é conhecido como *fides quae*. Esse é, evidentemente, profundamente conexo com a *fides qua*. Também nele a vida comunitária é intrínseca: é na comunidade eclesial que o conteúdo cognitivo da fé vai sendo conhecido e assimilado: em sua doutrina, vida e culto, tudo é permeado pela fé apostólico-eclesial.

O contexto urbano, mundialmente, configura de novos modos as formas de convivência, de pensamento e o próprio ritmo da existência humana. Do ponto de vista chamado pastoral, uma de suas características é a secularização. Recentemente o Papa Francisco assim apresenta esse contexto, em que

[...] não podemos deixar de refletir sobre o que, na realidade do nosso tempo, ameaça a alegria da fé com o risco de a obscurecer, pondo seriamente em crise a experiência cristã. Pensa-se imediatamente na secularização, que já há muito transformou o estilo de vida das mulheres e homens de hoje, deixando Deus quase no último lugar. Parece que Ele desapareceu do horizonte, que a sua Palavra já não se assemelha a uma bússola de orientação para a vida, para as opções fundamentais, para as relações humanas e sociais.¹

A presente reflexão trata das Novas Comunidades, do ponto de vista propriamente da eclesiologia, em um aspecto bem particular: a relação entre elas e a hierarquia eclesial. E o faz, com a finalidade de evidenciar seu potencial evangelizador, como oferta providencial de recursos espirituais e humanos, em vista do anúncio de Jesus Cristo e da experiência da fé cristã que tende a um profundo enraizamento pessoal e comunitário. Em isto fazendo, indiretamente, dá também uma atenção privilegiada à relação entre elas e a eclesiologia sacramental missionária do Concílio Vaticano II, inserindo a reflexão na trilha da aplicação, recepção ou hermenêutica do Concílio.

1 Características gerais das Novas Comunidades

Como ponto de partida, é necessário termos ao menos uma compreensão geral da realidade a que nos referimos com essa designação, novas

¹ FRANCISCO. *Homilia com os bispos, os presbíteros, os diáconos, os seminaristas e os agentes de pastoral na Catedral de Notre Dame. Québec, 28 de julho de 2022. Não Paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220728-omelia-vespri-quebec.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.*



Comunidades, que nos sirva a modo do que no passado se chamava de definição provisória. As Novas Comunidades, em geral, têm sido tratadas em conjunto com associações de fiéis e movimentos eclesiais. Mais recentemente, sua especificidade vem sendo reconhecida e melhor descrita.

De antemão, porém, é necessário que se esteja consciente de que a utilização de esquemas ou a identificação de elementos não pode mortificar nem se sobrepor à complexidade da realidade a respeito da qual se procura refletir. Sobre este risco e sobre a necessidade de tempo e maturação para a sua adequada compreensão, o Cardeal Ratzinger, quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), afirmou: “Dever-se-ia estar atento a não se propor uma definição muito rigorosa, porque o Espírito Santo continuamente surpreende, só retrospectivamente é que se tem condições de reconhecer a existência de uma essência comum por trás de grandes diversidades.”²

Porém, parece possível proceder por tentativas cada vez mais apuradas de caracterização, uma vez que essa imprevisibilidade da ação do Espírito Santo incide em um âmbito concreto, que é a vida eclesial.

*De um ponto de vista teológico, a realidade das agregações e movimentos pertence ao âmbito da eclesiologia que estuda, ou deveria estudar; o acontecer da Igreja a um nível carismático em formas concretas de vida, onde é possível encontrar elementos essenciais de eclesialidade que enriquecem a Igreja universal e as Igrejas particulares com a graça renovadora do Espírito.*³

Os movimentos eclesiais e as Novas Comunidades foram considerados por S. João Paulo II como “resposta providencial”, suscitada pelo Espírito Santo em vista da evangelização.⁴ Eles suscitam aquela forma de evangelização caracterizada pela atração, que se distingue do proselitismo.⁵ Em geral, o processo de formação dessas comunidades tem início

² RATZINGER, J. I Movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica. In: Pontificium Consilium Pro Laicis. I Movimenti nella Chiesa. *Atti del Congresso Mondiale dei Movimenti Ecclesiali*. Roma, 27-29 maggio 1998. Città del Vaticano: LEV, 1999. p. 23-51, p. 47.

³ CASTELLANO, Jesús. *Carismi per il terzo millennio*. I movimenti ecclesiali e le nuove comunità. Roma: OCD, 2001. p. 11.

⁴ GIOVANNI PAOLO II. Discorso agli appartenenti ai Movimenti ecclesiali e alle nuove Comunità nella vigilia di Pentecoste, 30 maggio 1998, n. 7. In: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*. XXI, 1, 1998. p. 1123.

⁵ BENNEDETO XVI. *Omelia nella Santa Messa di inaugurazione della V Conferenza Generale dell'Episcopato Latinoamericano e dei Caraibi presso il Santuario "La Aparcida"*. 13 maggio 2007. AAS, 2007. p. 433; EG 14.



com uma experiência intensa de encontro com Jesus Cristo, que comporta uma significativa mudança de vida (conversão) e um desejo intenso de aprofundar a experiência inicial. Percebe-se a necessidade de orientação e de acompanhamento por parte de pessoas mais experientes em vista da maturação da experiência. Identifica-se na Igreja, especialmente nas experiências de santos e santas, um âmbito que confere sentido à experiência e que oferece o auxílio necessário. Nasce e se desenvolve um intenso dinamismo missionário, que visa atrair outras pessoas e ajudá-las a fazer a mesma experiência. A experiência compartilhada gera formas de vida fraterna e comunitária em vista do crescimento espiritual e da missão. Talvez esses elementos, embora de caráter genérico e esquemático, permite uma primeira aproximação em vista da análise teológica e do processo eclesial de discernimento, acompanhamento e integração.

A expressão rahneriana [estação de inverno na Igreja] era plenamente compreensível; exprimia uma experiência que fazíamos todos. Mas improvavelmente surgiu algo que não havia sido planejado por ninguém. Eis que o Espírito Santo tinha, por assim dizer, pedido novamente a palavra. E em jovens, homens e mulheres, reflorescia a fé, sem “se” nem “mas”, sem subterfúgios nem brechas, vivida como dom em sua integralidade, como um presente precioso que faz viver. É claro, não faltou quem visse isso como incômodo a seus debates intelectualistas e a seus projetos de construção de uma Igreja diferente e feita à sua própria imagem. E como poderia ser diferente? Onde irrompe, o Espírito Santo desfaz sempre os projetos dos homens.⁶

Passou-se a realizar, com certa periodicidade, encontros mundiais dos movimentos eclesiais e das Novas Comunidades, bem como encontros de estudo e reflexão sobre o tema para Bispos. Esses encontros tornaram-se também lugares de aprofundamento teológico e pastoral a respeito do tema. A CDF deu um contributo de alto nível com a *Carta Iuvenescit Ecclesia aos Bispos da Igreja Católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e a missão da Igreja*⁷.

Este texto será o ponto de referência principal da presente reflexão. Seu escopo é assim apresentado:

⁶ RATZINGER, J. *I Movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica*, 1999. p. 24.

⁷ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. *Lettera Iuvenescit Ecclesia ai Vescovi della Chiesa cattolica sulla relazione tra doni gerarchici e carismatici per la vita e la missione della Chiesa*. 15 maggio de 2016. p.3. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160516_iuvenescit-ecclesia_it.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



A Congregação para a Doutrina da Fé, com o presente documento, entende destacar, à luz da relação entre dons hierárquicos e carismáticos, os elementos teológicos e eclesiológicos cuja compreensão possa favorecer uma fecunda e ordenada participação das novas agregações das novas agregações na comunhão e na missão da Igreja.⁸

Segundo a CDF, as realidades eclesiais, que se designa como Novas Comunidades, “não podem ser entendidas simplesmente como uma associação de pessoas com finalidade de caráter religioso ou social”⁹, e que sua característica mais específica se encontra no compartilhamento de um carisma que, entre outros aspectos, suscita formas variadas de vida comunitária. Elas caracterizam-se por: 1) serem “fortemente dinâmicas”, atrativas com relação ao Evangelho e capazes de suscitar vivência cristã “tendencialmente global”; 2) possuírem “intensa condvisão da existência”, vida comunitária capaz de incrementar a vivência das virtudes teologais, de expressar a vida eclesial como mistério de comunhão para a missão; como tendentes ao “fim apostólico geral da Igreja;”¹⁰ 3) serem comunidades nas quais se exprime formas peculiares da missão e de testemunho; 4) serem formas renovadas de discipulado, capazes de aprofundar a *communio cum Deo* e a *communio fidelium*; 4) despertar em muitas pessoas, em vários contextos, “o fascínio pelo encontro com o Senhor Jesus e pela beleza da existência cristã vivida em sua integralidade”¹¹; 5) terem uma viva consciência da própria vocação, oferecendo itinerários estáveis de formação e percursos de perfeição evangélica, pela participação dos fiéis de diferentes estados de vida; 6) serem fundadas sobre a condvisão de um carisma e sobre seu aprofundamento e configuração histórica.¹²

Parece que se pode, a partir desses elementos caracterizadores das Novas Comunidades, destacar seu fundamento carismático, fim apostólico/missionário, natureza comunitária e eclesialidade.

⁸ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; IE 3.

⁹ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; IE 2.

¹⁰ PAULO VI. *Decreto Apostolicam Actuositatem Sobre O Apostolado Dos Leigos*. Vaticano. 18 de novembro de 1965; AA 19. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.htm. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹¹ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; IE 2.

¹² CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; IE 16.



2 Compreensão geral do significado de carisma

A CDF oferece uma rápida síntese da doutrina neotestamentária referente aos carismas,¹³ correlacionando-os com a realidade fundamental da graça e com o primado da caridade. Assim, considera sua variedade e a necessidade de seu exercício ordenado nas comunidades eclesiais, para o que, é fundamental a relação entre dons carismáticos e dons hierárquicos.

Os carismas têm uma finalidade **útil** (“a manifestação do Espírito é dada a cada um para a utilidade”¹⁴): para os outros, mas também para a própria pessoa, sendo, porém, sua orientação para a caridade e para a edificação o que caracteriza a utilidade carismática.¹⁵ As diferentes listagens dos carismas no Novo Testamento revelam sua variedade e sua não disponibilidade a uma classificação estática.¹⁶ Entre eles se encontram os que fundamentam os serviços estáveis à vida comunitária e à difusão do Evangelho e também os que poderiam ser chamados de extraordinários. O testemunho eclesiológico do Novo Testamento manifesta, em seu conjunto, que “a Igreja sempre cresce no tempo graças à ação vivificante do Espírito.”¹⁷

O bom exercício dos carismas na comunidade eclesial é questão fundamental. Dele depende a harmonia fraterna e a difusão do Evangelho. A contraposição entre uma Igreja do carisma e uma Igreja do poder é totalmente arbitrária, do ponto de vista bíblico-teológico. Uma Igreja do amor contraposta a uma Igreja instituição não encontra aí respaldo. Os dons hierárquicos, ligados ao ministério, principalmente ao ministério apostólico, são provenientes da mesma fonte e tendem ao mesmo fim que os dons carismáticos. O apostolado é caracterizado como “ministério do Espírito,”¹⁸ sua autoridade (*exousía*) vem do Senhor¹⁹ e é exercida em relação a toda a comunidade, e também em relação ao exercício comunitário dos carismas.²⁰

¹³ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; IE 4-8.

¹⁴ 1Cor 12,7.

¹⁵ 1Cor 12,31; 13; 14,26 Ef 4,12.

¹⁶ Pd 4,10; 1Cor 12,8-10.28-30; Rm 12,6-8; Ef 4,11.

¹⁷ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; IE 6.

¹⁸ 2Cor 3,8.

¹⁹ 2Cor 10,8; 13,10.

²⁰ 1Cor 14,19.28-31.



O termo “carisma”, porém, não encontra um uso uniforme no conjunto dos textos, nem é objeto de um ensinamento sistemático. A teologia e o magistério ajudam a sistematizar as afirmações a respeito. A constituição dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II e várias outras passagens de outros documentos conciliares representam um ponto alto na exposição da fé da Igreja a respeito dos carismas. O texto da *Lumen Gentium* pode ser considerado uma referência fundamental: “A Igreja, que Ele [o Espírito Santo] conduz à verdade total (cfr. Jo 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22).”²¹ Aí interessa, no momento, perceber a articulação que é afirmada entre os dons hierárquicos e carismáticos a partir da comum origem e finalidade.

À luz do dado bíblico, os dons carismáticos aí devem ser entendidos como a variadíssima gama de carismas destinados a difundir o Evangelho, nos mais diferentes contextos, a enraizar os fiéis no mistério de Cristo e os fazer Nele progredir e a edificarem comunidades fraternas vivas. Os dons hierárquicos devem ser entendidos como os que capacitam os ministros ao exercício da autoridade de Cristo com relação à Igreja, que tem caráter de serviço salvífico. Esses, de fato, habilitam a hierarquia da Igreja para o necessário discernimento da autenticidade dos carismas, para seu acolhimento e generosa promoção.

3 Fundamento carismático das Novas Comunidades

O Cardeal Ratzinger observa que os movimentos que originaram as Novas Comunidades:

*nascem normalmente a partir de uma personalidade carismática guia, configuram-se em comunidades concretas que, em força de sua origem, conduzem ao Evangelho na sua inteireza e, sem hesitar, reconhecem na Igreja a razão de sua vida, sem a qual não poderiam existir.*²²

É possível, por analogia, transferir essa mesma caracterização para a realidade das novas Comunidades. Aí, o primeiro aspecto destacado,

²¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Vaticano: 1964. Não paginado; LG 4. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

²² RATZINGER, J., 1999, p. 47.



qual constatação de dado factual, é que o nascimento das Novas Comunidades está relacionado a uma “personalidade carismática”, o segundo aspecto é que a configuração concreta dessas comunidades se dá a partir de serem “guiadas” pelo carisma do fundador.

A esse respeito, São João Paulo II afirmou:

O que se quer dizer, hoje, com ‘movimento’? [... o termo indica] uma concreta realidade eclesial com participação predominantemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão que fundamenta o próprio método pedagógico sobre um carisma claro doado à pessoa do fundador em circunstâncias e formas determinadas.²³

O estudo dos relatos das origens de cada uma das Novas Comunidades atualmente reconhecidas eclesialmente não faz senão confirmar tais afirmações. Em geral, o nascedouro dessas realidades é a vivência de uma experiência que marca profundamente uma pessoa e pode ser descrita como experiência fontal. Ela leva a pessoa a uma radical mudança, direciona-a radicalmente para Deus e para a missão. Mas transcende o momento em que se deu, revelando-se capaz de desdobramentos imprevisíveis. Tudo estava contido naquele momento inicial, mas, a partir da direção para a qual arrasta, só vai se revelando progressivamente, na medida em que vai sendo atuada concretamente em ações, vai se organizando e se inserindo cada vez mais adequadamente no conjunto da vida eclesial.

Carisma é algo que vem de Deus, que não foi preparado nem produzido pela própria pessoa. Embora esteja parcialmente sujeito às vicissitudes e idiosincrasias pessoais, das quais deve ser também progressivamente distinguido. É realidade da graça, que leva a encontrar-se com Jesus Cristo e que tende à salvação. Esse núcleo, claramente carismático, é o que se poderia chamar de “alma” das novas Comunidades. Sendo assim, a rica teologia dos carismas, tanto em seu fundamento bíblico, quanto no patrimônio magisterial e teológico deve ser tida em conta, em seus vários aspectos, desde o acolhimento como realidade da graça, que exige o necessário discernimento, até à inserção ordenada na vida eclesial, o que exige a relação e a harmonia com o ministério dos

²³ GIOVANNI PAOLO II. Messaggio ai partecipanti al Congresso Mondiale dei Movimenti Ecclesiali promosso dal Pontificio Consiglio per i laici, 27 maggio 1998. In: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, v. XXI, n. 4, 1, p. 1061-1065, 1998, p. 1064.



pastores. “Não apagueis o Espírito, não desprezeis as profecias, mas examinai tudo e guardai o que for bom.”²⁴

A relação entre o caráter pessoal do carisma e sua possível divisão marca a natureza mesma da especificação da fraternidade cristã que é uma comunidade concreta. S. João Paulo II ensinou que os dons carismáticos “são dados a uma pessoa, mas podem também ser compartilhados por outros e, quando assim, têm continuidade no tempo, como uma herança viva e preciosa, que gera uma afinidade espiritual peculiar entre as pessoas.”²⁵ Esse é um elemento decisivo na dinâmica das Novas Comunidades, tanto em sua vida e dinâmica interna, quanto em seu caráter eclesial. O patrimônio carismático, a partir da pessoa do fundador – da experiência fundante e de seus desdobramentos – é participado e aprofundado, gerando o que se tem chamado de “famílias espirituais”. Deste ponto de vista, as Novas Comunidades são formadas a partir dessa divisão de dons carismáticos. Nelas, um determinado carisma agrega fiéis cristãos e lhes ajuda a viver mais profundamente a própria vocação cristã e o próprio estado de vida a serviço da missão da Igreja.

As comunidades cristãs em geral, em seu “vivido”, são elemento visível da comunhão eclesial, e, ainda mais que isso, são como que sacramento (sinal atrativo e instrumento) da Igreja. Para a compreensão do processo eclesial de recepção e aplicação do Concílio Vaticano II é importante a pergunta a respeito do papel que as Novas Comunidades desempenham, com seu surgimento, sua pluriformidade e com sua atuação evangelizadora.

4 As orientações do Magistério recente a respeito das relações entre os dons hierárquicos e carismáticos

O primeiro documento magisterial a reservar um espaço significativo ao tema é a encíclica *Mystici Corporis* do Papa Pio II,²⁶ mas os documentos *LG* 4, 7, 11, 12, 25, 30, 50; *DV* 8, *AA* 3, 4, 30; *PO* 4, 9 do Concílio Vaticano II são referenciais decisivos para esta compreensão.

²⁴ 1Ts 5,19-20.

²⁵ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; CFL24. Ver: AAS 81, 1989, p. 434.

²⁶ PIO XII. *Mystici Corporis*. 29 de junho de 1949, p. 206-230. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



No conjunto das passagens relevantes de seu ensinamento a esse respeito, tem-se a constatação que na vida da Igreja – além da Palavra de Deus, dos Sacramentos e do ministério hierárquico ordenado – são encontráveis graças especiais ou carismas dados pelo Espírito Santo aos fiéis de todas as condições.

Na *LG*, os textos-chave se encontram nos números 4 e 12. No primeiro, a afirmação da diferença e da relação entre os dons carismáticos e os dons ministeriais está num contexto de articulação com a inabituação divina, com o progresso no conhecimento da verdade de Cristo, com a unidade e a comunhão e com a renovação eclesial.

O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (1Cor 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (Gl 4,6; Rm 8,15-16.26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (Jo 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: 'Vem' (Ap 22,17)!²⁷

Em *LG* 12 essa doutrina é articulada também em vários níveis. Primeiramente é afirmado que as graças especiais – carismas – habilitam e dispõem os fiéis às ações que visam a renovação e à edificação eclesial:

O Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas “distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz” (1Cor 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: “a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum” (1Cor 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja.²⁸

Em seguida, vêm duas observações. A primeira, sobre o justo equilíbrio, na ação pastoral, entre o aspecto carismático e o estrutural: “Não

²⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; *LG* 4.

²⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; *LG* 12.



se devem, porém, pedir temerariamente, os dons extraordinários nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas.”²⁹ Em seguida, sobre o papel do ministério ordenado no discernimento e na regulação dos carismas: “o juízo acerca da sua autenticidade e reto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito, mas julgar tudo e conservar o que é bom (1Tes 5,12.19-21).”³⁰

Reflexões análogas a essas se encontram no decreto sobre o apostolado dos leigos:

O Espírito Santo – que opera a santificação do Povo de Deus por meio do ministério e dos sacramentos – concede também aos fiéis, para exercerem este apostolado, dons particulares (1Cor 12,7), “distribuindo-os por cada um conforme lhe apraz” (1Cor 12,11), a fim de que “cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu” e todos atuem, “como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1Pd 4,10), para a edificação, no amor, do corpo todo (Ef 4,1). A recepção destes carismas, mesmo dos mais simples, confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de os atuar na Igreja e no mundo, para bem dos homens e edificação da Igreja, na liberdade do Espírito Santo, que ‘sopra onde quer’ (Jo 3,8) e, simultaneamente, em comunhão com os outros irmãos em Cristo, sobretudo com os próprios pastores; a estes compete julgar da sua autenticidade e exercício ordenado, não de modo a apagarem o Espírito, mas para que tudo apreciem e retenham o que é bom (1Tes 5,12.19.21).³¹

A relação que há entre o direito-dever de agir cristãmente e os carismas, evidencia que esses não podem ser considerados como algo facultativo na vida da Igreja. Devem, pelo contrário, ser considerados irrenunciáveis para a vida e para a missão da Igreja.

Após o Concílio, a recepção e a aplicação das orientações e decisões conciliares tem sido levada à frente e seus vários aspectos vem sendo aprofundados e explicitados em várias instâncias da vida eclesial, especialmente pelo Magistério, pela teologia e pela vivência concreta das

²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 12.

³⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; 12.

³¹ PAULO IV. Decreto *Apostolicam Actuositatem sobre o Apostolado dos Leigos*. Vaticano, 28 de novembro de 1965. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



comunidades. No Magistério pós-conciliar, a teologia dos carismas vem recebendo atenção. Os principais documentos que a consideram são: de S. Paulo VI, a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), n. 58; a nota diretiva conjunta da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares e a Congregação para os Bispos *Mutuae relationes* (14 de maio de 1978); as exortações apostólicas pós-sinodais *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988) e *Vita Consecrata* (25 de março de 1996), de S. João Paulo II.

Da nota *Mutuae Relationes* destaca-se o número 34, a respeito da relação de diferença e articulação, no mistério da Igreja, dos aspectos carismáticos e institucionais:

*Seria grave erro tornar independentes – mais grave ainda seria contrapô-las – a vida religiosa e as estruturas eclesiais, como se pudessem subsistir quais duas realidades distintas, carismática uma, institucional a outra; ao passo que ambos os elementos, isto é, os dons espirituais e as estruturas eclesiais, formam uma só, ainda que complexa, realidade (LG 8).*³²

Da rica doutrina de S. João Paulo II, destaca-se a afirmação da coessencialidade das dimensões carismática e institucional, afirmada com especial clareza em sua Mensagem aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, promovido pelo Pontifício Conselho para os Leigos:

*Muitas vezes tive ocasião de ressaltar como na Igreja não existe contraste ou contraposição entre a dimensão institucional e a dimensão carismática, da qual os Movimentos são uma expressão significativa. Ambas são coessenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus, porque concorrem juntas para tornar presentes o mistério de Cristo e a Sua obra salvífica no mundo. Juntas, além disso, têm em vista renovar, segundo os seus modos próprios, a autoconsciência da Igreja, que se pode dizer, num certo sentido, ela mesma ‘movimento’ enquanto acontecimento, no tempo e no espaço, da missão do Filho, por obra do Pai no poder do Espírito Santo.*³³

³² CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Mutuae Relationes*. Vaticano, 1990; 34. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021990_directives-on-formation_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

³³ GIOVANNI PAOLO, 1998.



O Papa Bento XVI aprofunda esse ensinamento, explicitando que:

Na Igreja também as instituições essenciais são carismáticas e por outro lado os carismas devem de uma forma ou de outra institucionalizar-se para ter coerência e continuidade. Assim as duas dimensões, originadas pelo Espírito Santo para o mesmo Corpo de Cristo, concorrem juntas para tornar presente o mistério e a obra salvífica de Cristo no mundo.³⁴

Por sua vez, o Papa Francisco insiste a respeito da necessária harmonia e eclesialidade, quando afirma:

À primeira vista o Espírito Santo parece criar desordem na Igreja, porque traz a diversidade dos carismas, dos dons. Mas não; sob a sua ação, tudo isso é uma grande riqueza, porque o Espírito Santo é o Espírito de unidade, que não significa uniformidade, mas a recondução do todo à harmonia. Quem faz a harmonia na Igreja é o Espírito Santo. [...] Se nos deixamos guiar pelo Espírito, a riqueza, a variedade, a diversidade nunca dão origem ao conflito, porque Ele nos impele a viver a variedade na comunhão da Igreja. O caminhar juntos na Igreja, guiados pelos Pastores – que para isso têm um carisma e ministério especial – é sinal da ação do Espírito Santo; uma característica fundamental para cada cristão, cada comunidade, cada movimento é a eclesialidade.³⁵

Tais características de harmonia eclesial se concretizam e se especificam na vida comunitária da Igreja:

É no âmbito da comunidade que desabrocham e florescem os dons que o Pai nos concede em abundância; e é no seio da comunidade que aprendemos a reconhecê-los como um sinal do seu amor por todos os seus filhos. [...] na comunidade cristã temos necessidade uns dos outros, e que cada dádiva recebida se realiza plenamente quando é compartilhada com os irmãos, para o bem de todos. A Igreja é assim! E quando a Igreja, na variedade dos seus carismas, se exprime em comunhão, não pode errar: é a beleza e a força do sensus fidei, daquele sentido sobrenatural

³⁴ BENTO XVI. *Discurso à peregrinação promovida pela Fraternidade Comunhão e Libertação*, 24 de março de 2007. Vaticano. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070324_comunione-liberazione.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

³⁵ FRANCISCO. *Omelia nella Solenità di Pentecoste con i Movimenti e le Nuove Comunità, le Associazioni e le Aggregazioni laicali*, 19 maggio 2013: *In: Insegnamenti di Francesco*, 2013, p. 208.



*da fé, que é conferido pelo Espírito Santo a fim de que, juntos, possamos entrar no cerne do Evangelho e aprender a seguir Jesus na nossa vida.*³⁶

Em síntese, é possível reconhecer uma convergência expressiva do Magistério recente a respeito dos carismas. A diferença entre dons carismáticos e dons hierárquicos, bem como sua harmonia, baseadas em sua natureza pneumatológica e eclesial, mantém os carismas em sua genuinidade e a serviço da comunhão e da missão.

5 O fundamento da relação entre os dons hierárquicos e os dons carismáticos

A Igreja, mistério de comunhão, e sua missão evangelizadora e salvífica constituem o referencial inicial para a compreensão da eclesialidade das Novas Comunidades e, de modo mais amplo, da relação entre os dons hierárquicos e carismáticos. Ela, “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.”³⁷ A plena participação na comunhão e na missão da Igreja é servida pelos dons hierárquicos e carismático e por sua harmoniosa relação.

O Concílio Vaticano II ensina que

*O Espírito Santo habita nos crentes, enche e rege toda a Igreja, realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une a todos tão intimamente em Cristo, que é princípio da unidade da Igreja. Ele faz a distribuição das graças e dos ofícios, enriquecendo a Igreja de Jesus Cristo com múltiplos dons, ‘a fim de aperfeiçoar os santos para a obra do ministério, na edificação do corpo de Cristo’ (Ef 4,12)*³⁸.

A comunhão dos fiéis em Cristo tem caráter pneumatológico e é fruto da atuação do Espírito Santo. Isso é o que confere à Igreja o caráter de Sacramento, “sinal e instrumento da íntima união com Deus e da

³⁶ FRANCISCO. Udienda Generale 1 ottobre 2014. In: *L'Osservatore Romano*, 2 ottobre 2014, p. 8.

³⁷ CIPRIANO DE CARTAGO. *De oratione dominica*, 23: PL 4, col. 553 (LG 4).

³⁸ PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio sobre o Ecumenismo*. Vaticano, 21 de novembro de 1964. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



unidade de todo o gênero humano.”³⁹ O fundamento da participação dos fiéis na comunhão que é a Igreja são os sacramentos da iniciação cristã.

*Trata-se fundamentalmente da comunhão com Deus, por meio de Jesus Cristo, no Espírito Santo. Esta comunhão se tem na palavra de Deus e nos Sacramentos. O Batismo [em estreita comunhão com a Confirmação] é a porta e o fundamento da comunhão na Igreja. A Eucaristia é a fonte e o cume de toda a vida Cristã.*⁴⁰

Os sacramentos da iniciação cristã produzem a vida cristã e sobre eles se apoiam os dons hierárquicos e carismáticos. Com identidade teológica e posição eclesial específicas, têm em comum a finalidade de edificação da Igreja e de cumprimento de sua missão.

Para a compreensão dos dons hierárquicos, no Concílio Vaticano II, a *Lumen Gentium* é um referencial privilegiado.

*Na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja (1Cor 12,1-11). Entre estes dons, sobressai a graça dos Apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submeteu também os carismáticos (1Cor 14).*⁴¹

Por meio dos dons hierárquicos, o Espírito Santo assegura à Igreja a permanente contemporaneidade da mediação salvífica de Cristo. Primeira referência do conferimento dos dons hierárquicos é a consagração episcopal. A partir dela, os mesmos dons hierárquicos são compreendidos em relação aos outros graus da ordem.

*Na pessoa dos Bispos, assistidos pelos presbíteros, está presente no meio dos fiéis o Senhor Jesus Cristo, pontífice máximo. [...] Para desempenhar tão elevadas funções, os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com uma efusão especial do Espírito Santo que sobre eles desceu (At 1,8; 2,4; Jo 20,22-23), e eles mesmos transmitiram este dom do Espírito aos seus colaboradores pela imposição das mãos (1Tm 4,14; 2Tm 1,6-7), o qual foi transmitido até aos nossos dias através da consagração episcopal.*⁴²

³⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 1, 49.

⁴⁰ SECONDAASSEMBLEA GENERALE STRAORDINARIA DEL SINODO DEI VESCOVI. Ecclesia sub Verbo Dei mysteria Christi celebrans pro salute mundi. *Relatio Finalis*, 7 de dezembro de 1985, II C 1: Enchiridion Vaticanum, v. 9. p. 1800.

⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 7.

⁴² CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 7.



Os dons hierárquicos próprios do sacramento da ordem são dados para que não faltem nunca à Igreja comunhão, a oferta objetiva da graça sacramental, o anúncio normativo da Palavra de Deus e o cuidado pastoral.

A edificação da Igreja e sua renovação também é servida pelas “graças especiais”, ou dons carismáticos, as quais tornam os fiéis de todas as classes “aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja.”⁴³

O Espírito Santo – que opera a santificação do Povo de Deus por meio do ministério e dos sacramentos – concede também aos fiéis, para exercerem este apostolado, dons particulares (1Cor 12,7), ‘distribuindo-os por cada um conforme lhe apraz’ (1Cor 12,11), a fim de que ‘cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu’ e todos atuem, ‘como bons administradores da multiforme graça de Deus’ (1Pd 4,10), para a edificação, no amor, do corpo todo (Ef 4,1) (AA 3).⁴⁴

Assim, os dons livremente concedidos pelo Espírito Santo são acolhidos e vividos pelos fiéis em uma riqueza que se insere na vida ordinária da Igreja e que, geralmente, não necessitam alguma forma particular de regulamentação. Diferentemente, os dons carismáticos que se apresentam como “carisma originário” ou “fundacional” têm necessidade de um reconhecimento específico pela autoridade eclesial em vista de duas finalidades: 1) para que se articulem adequadamente na comunhão eclesial e 2) para que sejam fielmente transmitidos no tempo.

Em vista dessa regulamentação é necessário um discernimento que compete a quem na Igreja tem a autoridade sacramental. Trata-se de um serviço de grande importância que cabe aos pastores cumprir.⁴⁵

A realidade agregativa surgida de um carisma condiviso necessita de tempo para manifestar adequadamente suas potencialidades – por meio dos desdobramentos práticos e institucionais – e para adquirir uma configuração estável. O acompanhamento benévolo do Bispo é fundamental, bem como sua atenção em vista do discernimento não só da autenticidade do carisma, mas também de sua configuração eclesial concreta.

⁴³ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 12.

⁴⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 12.

⁴⁵ CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano. 1992; ClgC 798. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



Sirvam de ícone desse acompanhamento os dois Bispos de Assis dos tempos de São Francisco. O primeiro, Guido, o acolheu e lhe cobriu com sua capa, quando, nu, separa-se do pai da terra para obedecer ao Pai do céu. Sobre o significado desse acontecimento, esclarece Bento XVI: “É necessário redescobrir o valor não apenas biográfico, mas ‘eclesiológico’, deste encontro do jovem Francisco com o Bispo D. Guido, a cujo discernimento e em cujas mãos entregou, despojando-se de tudo, a sua opção de vida por Cristo (1 *Cel* I, 6, 14-15: FF 343-344).”⁴⁶ E, dois anos mais tarde, o mesmo Papa volta a esse episódio e comenta: “*O jovem Francisco sentia um afeto verdadeiramente filial pelo seu Bispo, e foi nas suas mãos que, despojando-se de tudo, fez a profissão de uma vida já totalmente consagrada ao Senhor.*”⁴⁷ O segundo Bispo Guido, já no final da vida de São Francisco, o acolheu nos últimos meses de sua vida e permitiu que o palácio episcopal se tornasse um centro de visitas e peregrinações pois o *poverello* era já considerado santo em vida.

S. João Paulo II expressa a natureza e a finalidade desse acompanhamento episcopal:

Os Pastores na Igreja, mesmo perante possíveis e compreensíveis dificuldades de algumas formas agregativas e perante novas formas, que se vão impondo, não podem abdicar do serviço da sua autoridade, não apenas pelo bem da Igreja, mas até pelo bem dessas mesmas agregações laicais. Nesse sentido, eles devem acompanhar a sua ação de discernimento com a orientação e, sobretudo, com o encorajamento em ordem a um crescimento das agregações dos fiéis leigos na comunhão e na missão da Igreja.

6 Critérios para o discernimento

Em vista do acompanhamento e do discernimento eclesial dos dons carismáticos vividos comunitariamente e da configuração das formas comunitárias deles brotadas, S. João Paulo II oferece cinco critérios: 1) expressar concretamente a busca da santidade; 2) ser lugar de anúncio e

⁴⁶ BENTO XVI. *Discurso ao clero, aos religiosos e às religiosas durante o encontro na catedral de São Rufino*, 17 de junho de 2007. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070617_clero-assisi.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

⁴⁷ BENTO XVI. *Discurso aos jovens*. Assis, 07 de junho de 2009. Não Paginado. Disponível em: <https://presbiteros.org.br/discurso-de-bento-xvi-aos-jovens-em-assis/>. Acesso em: 15 jan. 2023.



de educação na fé; 3) disponibilidade em aceitar o Magistério do Papa, as orientações pastorais do Bipo e manifestar estima por todas as formas de apostolado; 4) participação na finalidade apostólica da Igreja e atuação evangelizadora coerente; 5) atuação na sociedade em conformidade com a doutrina social da Igreja.⁴⁸

Além desses critérios, no mesmo documento, elenca alguns frutos para a verificação dos critérios a servirem como indicativos para o discernimento:

o gosto renovado pela oração, a contemplação, a vida litúrgica e sacramental; a animação pelo florescimento de vocações ao matrimônio cristão, ao sacerdócio ministerial, à vida consagrada; a disponibilidade em participar nos programas e nas atividades da Igreja, tanto a nível local como nacional ou internacional; o empenhamento catequético e a capacidade pedagógica de formar os cristãos; o impulso em ordem a uma presença cristã nos vários ambientes da vida social e a criação e animação de obras caritativas, culturais e espirituais; o espírito de desapego e de pobreza evangélica em ordem a uma caridade mais generosa para com todos; as conversões à vida cristã ou o regresso à comunhão por parte de batizados 'afastados'.⁴⁹

Os critérios oferecidos pela CDF na carta *Iuvenescit Ecclesia* retoma e os enriquece com contribuições recentes do magistério da Igreja, especialmente do Papa Francisco: 1) primado da vocação à santidade; 2) empenho na difusão missionária do Evangelho; 3) confissão da fé católica; 4) testemunho de uma comunhão real com toda a Igreja; 5) reconhecimento e estima da recíproca complementariedade com outros componentes carismáticos da Igreja; 6) aceitação de momentos de prova no discernimento dos carismas; 7) presença de frutos espirituais; 8) dimensão social da evangelização.

7 A atuação da relação entre os dons hierárquicos e os dons carismáticos

A atuação concreta dos dons hierárquicos e carismáticos, bem como as relações entre eles seguem os ritmos concretos da vida eclesial,

⁴⁸ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; CFL 30.

⁴⁹ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; CFL 30.



embora possam encontrar momentos mais específicos e destacados, se dão ordinariamente no desenrolar dos fatos quotidianos.

O reconhecimento, o respeito e a valorização do que é específico de cada um é a base dessa vivência eclesial normal. Os pastores reconhecendo a existência e a importância dos dons carismáticos e dando amplo espaço para sua vivência e atuação; os fiéis pertencentes a realidades agregativas surgidas de dons carismáticos compartilhados reconhecendo, respeitando e obedecendo à autoridade dos pastores.

A inserção da vida pastoral da Igreja particular em que nasceu ou em que está presente é decisiva para a vivência dos dons carismáticos, também das realidades agregativas surgidas de dons compartilhados. As Igrejas particulares são formadas à imagem da Igreja universal, nelas e a partir delas existe a Igreja una e única.⁵⁰ Nelas está verdadeiramente presente e atuante a Igreja de Cristo.⁵¹ A capacidade dos membros das Novas Comunidades de viver eclesialmente inseridos nas Igrejas particulares, nelas sendo nutridos na fé e com elas colaborando lealmente é fundamental para que a configuração mesma da vida comunitária e das formas de apostolado que desempenham permaneçam autenticamente católicas. São necessários a abertura e o acolhimento por parte dos pastores e das Igrejas particulares, para que as Novas Comunidades possam existir, ocupar lugares específicos na ação pastoral e propor iniciativas. “Respeitada a devida relação com a autoridade eclesiástica, os leigos têm o direito de fundar associações, dirigir-las e dar nome às já existentes.”⁵²

Essa liberdade constitui um verdadeiro e próprio direito que não deriva de uma espécie de “concessão” da autoridade, mas que promana do Batismo, qual sacramento que chama os fiéis leigos para participarem ativamente na comunhão e na missão da Igreja. [...] Trata-se de uma liberdade reconhecida e garantida pela autoridade eclesiástica e que deve ser exercida sempre e só na comunhão da Igreja: nesse sentido o direito dos fiéis leigos em agregar-se é essencialmente relativo à vida de comunhão e missão e à própria Igreja (CfL 29).⁵³

Nas Novas Comunidades, formadas em grandíssima parte por leigos e leigas, muitas dessas pessoas já casadas, são cada vez mais

⁵⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 23.

⁵¹ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; 30.

⁵² PAULO VI, 1965; AA 19; AA 15. Ver: CONCÍLIO VATICANO II, 1964; LG 37.

⁵³ CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, 2016; CFL 29.



comum e frequente, mostrando vocações especiais de consagração e ao ministério ordenado. A Igreja vai fazendo um caminho de discernimento a respeito das formas jurídicas e práticas concretas, para que essa convivência de pessoas de diversos estados de vida, que compartilhem a identificação comunitária a partir de um dom carismático originário, possam viver e atuar coerentemente, ao mesmo tempo, com o dom carismático e com a natureza eclesial e espiritual do próprio estado de vida. Antes mesmo das soluções jurídicas é decisivo que a prática seja conduzida no completo respeito pelas normas e orientações eclesiais referentes aos estados de vida.

Nessa forma de compartilhamento carismático por membros de diversos estados de vida se manifesta uma peculiar forma agregativa, pois já não se trata mais de agregações laicais, embora os membros do estado de vida leigo possam ser a maioria. Trata-se de associações eclesiais a título mais específico, pois nascidas “de uma concepção orgânica e global da natureza e da missão da Igreja, fundamentada sobre o sacerdócio comum o qual, antes de diferenciar qualitativamente o leigo do ministro ordenado, o reúne a todos os fiéis e, portanto, também aos ministros ordenados.”⁵⁴

*São ‘eclesiais’, porque podem pertencer a estas – e, de fato, pertencem – todas as ordens de pessoas na Igreja, leigos ou religiosos, homens e mulheres, sacerdotes e bispos, crianças e adultos, pessoas de todas as classes sociais, em espírito de comunhão entre as diversas vocações, que no Movimento ‘realizam a Igreja’ na variedade dos seus componentes.*⁵⁵

Isso, evidentemente, traz consigo exigências específicas.

Em nossos dias, uma das questões fundamentais a serem consideradas quando se fala em agregações laicais é a de sua identidade eclesial. Os termos ‘católico’ ou ‘eclesial’ não devem, de fato, ser reduzidos a uma função decorativa. Estes indicam a natureza mais profunda de uma agregação e supõem um programa claro de vida e de ação que deve ser compatível com esta natureza.”⁵⁶

⁵⁴ ARDUSSO, Franco. Movimenti ecclesiali e rapporto con la Chiesa. In: I movimenti ecclesiali: esperienza e teologia. *Apud Credere Oggi*, 5, n. 17, p. 57-69, 1983, p. 64.

⁵⁵ DE ROSA, Giuseppe. I movimenti ecclesiali oggi. In: *La Civiltà Cattolica*, Roma, V, II, N. 155, 2004, p. 523-536, p. 527.

⁵⁶ RYLKO, Stanislaw. Il Concilio Vaticano II, pietra miliare nel cammino del laicato cattolico. In: Pontificium Consilium pro Laicis. *Atti del Congresso del Laicato Cattolico – Testimoni di Cristo nel nuovo Millennio* (Roma, 25 – 30 Novembre 2000) Città del Vaticano: LEV, 2000. p. 115-142, p. 133.



Tal caráter eclesial global remete à eclesiologia do Concílio Vaticano II e à sua concepção da Igreja Mistério e povo de Deus antes e mais fundamentalmente que todas as diferenciações de estados de vida ou ministérios. O teólogo e canonista D. Eugenio Corecco, reafirma que a teologia dos carismas recolhida em LG 12 desempenha historicamente um papel libertador: o Concílio Vaticano II, “confirmando que o carisma é dado aos ‘fieis de todas as ordens’ pelo Espírito Santo e, portanto, aos clérigos, religiosos e leigos, foi extremamente libertador.”⁵⁷

8 Desafios pastorais de nosso tempo

A Conferência de Aparecida (2007), como se expressa em seu documento final, reconhece que a época atual se caracteriza por mudanças rápidas e profundas que, em consequência, põem em crise os paradigmas pastorais estabelecidos que se formaram em relação a contextos muito diversos. Isso pede uma conversão pastoral missionária. O Papa Francisco, desde a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), imposta seu ensinamento nesse contexto e impulsiona a Igreja a uma saída missionária transformadora e renovadora de suas estruturas pastorais.

Isso tem implicações bem concretas para nossas Igrejas locais, pois elas, como porção do povo de Deus enraizadas cultural e historicamente, em sua relação constitutiva com a sociedade, se veem bem desafiadas concretamente por esse contexto e provocadas a encontrar soluções práticas. Secularmente, pensa-se na atuação das Igrejas particulares fundamentalmente a partir das paróquias. No início da modernidade, o Concílio de Trento encontrou na renovação das paróquias uma solução de grande sucesso para os desafios do período subsequente: a proximidade e a visita de pastores com sólida formação, a pregação dominical com clareza bíblico-doutrinal, enriquecida depois com o florescimento de associações e movimentos laicais que permitiram à Igreja marcar presença evangelizadora e socialmente significativa nos anos da assim chamada modernidade.

Esses mesmos elementos, indispensáveis para a atuação eclesial, entraram em crise junto com a crise da configuração predominantemente

⁵⁷ CORECCO, Eugenio. Profili istituzionali dei Movimenti nella Chiesa. In: CAMISASCA, Massimo; VITALI, Maurizio (ed.). *I Movimenti nella Chiesa negli anni 80 – Atti del 1° Convegno Internazionale* (Roma, 23-27 Settembre 1981). Milano: Jaca Book, 1982. p. 203-234, p. 217.



territorial-geográfica das formas de vinculação das pessoas entre si. A paróquia já não dá mais conta de aglutinar e articular todas as formas de atuação pastoral da Igreja. Ela continua tendo um papel fundamental, não foi e possivelmente não será superada, como instrumento de evangelização e de acompanhamento fundamental de grande parte, talvez a maior parte, dos fiéis. Sobretudo sua flexibilidade identitária, que o Papa Francisco chamou de plasticidade,⁵⁸ lhe permite adaptar-se às mudanças culturais e aos meios sociais.

O atual contexto de ambientação da Igreja particular – também, portanto, das paróquias – é a cidade, com seus variados ambientes e sua complexa configuração. Mais que um local, a cidade é uma forma de vida é um estilo de convivência, é um emaranhado de relações difícil de se compreender e que “funciona” com lógicas diversas, às vezes convergentes, outras vezes conflitivas. A lógica que predomina tende a assumir hegemonia sobre as outras e exercer controle sobre elas. Do ponto de vista cristão, o Papa Francisco falou disso em termos de uma crise antropológica profunda,⁵⁹ que tende a hipostasiar o valor do consumo em detrimento de outros valores antropológicamente mais importantes e o conseqüente descarte das pessoas cujo potencial para o consumo tenha declinado ou não seja significativo.⁶⁰ Destacou como conseqüências mais nefastas a crise do comunitário e a autorreferencialidade, a globalização da indiferença. Coerentemente, apontou para a Igreja o caminho de uma saída missionária baseada na felicidade do encontro com Cristo a ser partilhada e na convicção de que na adesão a ele a vida se torna mais plena e a transformação do mundo mais coerente; tornou a apontar o caminho da vida fraterna e comunitária como valores que habitam o coração do Evangelho.⁶¹

Especificamente a respeito da resposta ao urbano como desafio às paróquias, o Papa Francisco indica a necessidade de ações com características inovadoras, atraentes e significativas para as pessoas identificadas com a cultura urbana, especialmente espaços de oração e de

⁵⁸ FRANCISCO. *Carta de Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Não Paginado. LG 28. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

⁵⁹ FRANCISCO, 2013; EG 55.

⁶⁰ FRANCISCO, 2013; EG 2, 53, 55, 60, 196.

⁶¹ FRANCISCO, 2013; EG 24.



comunhão⁶². Esses dois elementos ele os indica não simplesmente a modo de exemplo. São para ele os mais importantes, pois se trata da relação com Deus (oração) e das relações fraternas (comunhão), uma vez que “todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno.”⁶³ Tomando partida nesse ponto crucial, a evangelização nesse contexto precisa, então, iluminar os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e também suscitar valores fundamentais. “É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. [...] A Igreja é chamada a ser servidora dum diálogo difícil.”⁶⁴ “Quando se consegue exprimir, de forma adequada e bela, o conteúdo essencial do Evangelho, de certeza que essa mensagem fala aos anseios mais profundos do coração.”⁶⁵

Propostas significativas de teologia pastoral apontam para o valor primário da presença e da proximidade como caminho da Igreja na cidade. O Próprio Papa Francisco tem mencionado diversas vezes suas reservas a um “excesso de planejamento” e repetido sua convicção de que a transformação missionária da Igreja não se produza por planos. Sair em missão, anunciar e partilhar a fé é o caminho tanto para o crescimento na mesma fé quanto para a renovação eclesial. Um tal posicionamento não é arbitrário nem ingênuo. Tem muito boas bases antropológicas. Contribuições muito significativas apontam para a cultura como porta de entrada da cidade e para a corporeidade do contato (con-tato) início de um processo de adesão à fé culturalmente significativo.⁶⁶

Há muitos sinais de crise do paradigma da teologia pastoral que temos praticado desde o final da década de cinquenta do século passado. Partir da análise sócio-estrutural da realidade e de marcos referenciais teológicos produziu muitos frutos. Sua marca registrada é a especialização crescente da ação evangelizadora em muitas pastorais específicas. Cada vez mais os pastores (não os pastoralistas) reclamam do cansaço, da dificuldade de encontrar agentes de pastoral, da sobrecarga de trabalho,

⁶² FRANCISCO, 2013; EG 23.

⁶³ FRANCISCO, 2013; EG 265.

⁶⁴ FRANCISCO, 2013; EG 74.

⁶⁵ FRANCISCO, 2013; EG 265.

⁶⁶ BRAVO, B. *La cultura, puerta de entrada de la urbe*. Congreso del Proyecto internacional e interdisciplinario de investigación Pastoral Urbana. México. 26 de febrero al 2 de marzo de 2013. Disponível em: <https://www.kath-theologie.uni-osnabrueck.de/fileadmin/PDF/www.icala.de.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.



etc. As “pistas” dadas pelo Papa Francisco apontam para um novo paradigma, que não despreza nem a análise da realidade e nem os referenciais teológicos, mas os redimensiona e os reposiciona. Redimensiona, porque, reafirmando a importância de “estudar os sinais dos tempos,”⁶⁷ assume uma perspectiva pastoral,⁶⁸ de discernimento evangélico.⁶⁹ Reposiciona, porque no início está claramente a experiência do encontro e da convivência, a experiência do amor de Deus e de ser acolhido e pertencer a uma comunidade de fé e no percurso todo, o centro é ocupado explicitamente por Jesus Cristo, pelo querigma.⁷⁰

Na homilia das Vésperas na Catedral de Québec, já citada, o Papa Francisco partilha o modo como interpreta o desafio missionário atual

[...] damo-nos conta de não ser a fé que está em crise, mas certas formas e modos com que a anunciamos. Por isso a secularização é um desafio para a nossa imaginação pastoral, é ‘a ocasião para a recomposição da vida espiritual em novas formas e para novas maneiras de existir’ (C. Taylor; A Secular Age, Cambridge 2007, p. 437). Assim, o olhar que discerne, ao mesmo tempo que nos mostra as dificuldades que temos na transmissão da alegria da fé, estimula-nos a encontrar uma nova paixão pela evangelização, procurar novas linguagens, mudar algumas prioridades pastorais, ir ao essencial.

Especificamente no Brasil, a Igreja discerniu que a grande prioridade pastoral no atual contexto é a promoção de comunidades eclesiais missionárias como lugares de vivência e testemunho cristão.⁷¹ O conhecimento das Novas Comunidades e a contribuição para sua adequada inserção na vida pastoral pode, em muito, contribuir para a renovação eclesial em vista da “conversão missionária e pastoral” auspiciada pela Conferência de Aparecida e pelo Magistério do Papa Francisco.

Muitas pessoas carecem da experiência da bondade de Deus. Não encontram qualquer ponto de contato com as Igrejas institucionais

⁶⁷ PAULO VI. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam*. Roma, 1964; 19. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

⁶⁸ FRANCISCO, 2013; EG 51.

⁶⁹ FRANCISCO, 2013; EG 50.

⁷⁰ FRANCISCO, 2013; EG 160-175.

⁷¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora*. Da Igreja no Brasil 2019-2023. Brasília: CNBB, 2019. Doc. 109, n. 35.



e suas estruturas tradicionais. [...] Se não chegarmos a uma verdadeira renovação da fé, qualquer reforma estrutural permanecerá ineficaz. [...] As pessoas precisam de lugares, onde possam expor a sua nostalgia interior. E, aqui somos chamados a procurar novos caminhos da evangelização. Um destes caminhos poderia ser as pequenas comunidades, onde sobrevivem as amizades, que são aprofundadas na frequente adoração comunitária de Deus. Onde há pessoas que partilham experiências de fé nos âmbitos da família, do trabalho e outros, testemunhando assim uma nova proximidade da Igreja à sociedade. Aparece de modo cada vez mais claro que todos necessitam deste alimento do amor, da amizade concreta de um pelo outro e pelo Senhor.⁷²

Em um contexto com tais desafios e com a emergência de uma significativa mudança de paradigma pastoral, as Novas Comunidades se apresentam como nascidas do encontro e da fraternidade e oferecem, isso mesmo, a possibilidade de encontro e de fraternidade. Porém, mesmo pastoralmente, o desafio é inserir-se lealmente no caminho pastoral da Igreja particular em que se encontram e colaborar no projeto pastoral, generosamente. Isso sem negligenciar o cultivo e o aprofundamento do próprio carisma, contribuindo de modo especial e assumindo a missão coerente com ele.

Nesse contexto, cabe aos pastores da Igreja:

Ir ao encontro dos movimentos e comunidades novas com muito amor nos impulsiona a conhecer adequadamente a realidade deles, sem impressões superficiais ou juízos redutivos. Ajuda-nos também a compreender que os movimentos eclesiais e as novas comunidades não são um problema ou um risco a mais, que se soma às nossas já gravosas incumbências. Não! São um dom do Senhor, uma reserva preciosa para enriquecer com os seus carismas toda a comunidade cristã. Por isso não deve faltar um acolhimento confiante que lhes dê espaços e valorize a sua contribuição na vida das Igrejas locais. Dificuldades ou incompreensões não autorizam ao fechamento. O 'muito amor' inspira prudência e paciência.⁷³

⁷² BENTO XVI. *Discurso no encontro com o Comitê Central dos Católicos Alemães (ZDK)*. Friburgo. 24 de setembro de 2011. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110924_zdk-freiburg.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

⁷³ BENEDETTO XVI. *Discurso ai partecipanti ad un Seminario di Studi promosso dal Pontificio Consiglio per i Laici*, 17 maggio 2008. p. 15. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080517_vescovi-seminario.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



Precisamente aqui, a reflexão e as orientações a respeito da relação entre os dons carismáticos e os dons hierárquicos mostra toda a sua importância, sua necessidade e sua urgência. O respeito e a fidelidade ao carisma originante e compartilhado e a inserção na vida das Igrejas particulares não se opõem, embora possam viver momentos de dificuldades e tensões. Ambas, a missão específica de discernimento e promoção da comunhão, que são típicas dos pastores, e a vivacidade dos dons carismáticos estão a serviço do Evangelho e são concedidas à Igreja.

Conclusão

Uma primeira conclusão que se impõe é a correlação entre as Novas Comunidades e o Concílio Vaticano II. Primeiramente, em relação a sua eclesiologia sacramental do povo de Deus. As Novas Comunidades se configuram como espaços de convivência e colaboração de pessoas dos variados componentes do povo de Deus, especialmente, quando na diversidade das formas de pertença a elas se encontram leigos e clérigos, consagrados e seculares.

Em relação à eclesiologia conciliar, é evidente ainda a recepção vital que se realiza nas Novas Comunidades da teologia dos carismas, aspecto profundamente tradicional e tão característico da reforma proposta pelo Concílio.

Ainda na mesma referência, é preciso ter presente a recepção da doutrina referente ao exercício da liberdade de iniciativa dos leigos e leigas e o espírito de colaboração propostos pelo Concílio em reiteradas ocasiões entre os fiéis leigos e os ministros ordenados.

Para o bem das Novas Comunidades e para o bem das Igrejas particulares, parece que se deve destacar, com relação aos pastores, especialmente aos bispos, no exercício do ministério apostólico, que cabe a eles dar o primeiro passo e ir ao encontro dessas novas realidades eclesiais.

Referências

ARDUSSO, Franco. *Movimenti ecclesiali e rapporto con la Chiesa. In: I movimenti ecclesiali: esperienza e teologia. Apud Credere Oggi*, 5, n. 17, p. 57-69, 1983, p. 64.



BENEDETTO XVI. *Discorso ai partecipanti ad un Seminario di Studi promosso dal Pontificio Consiglio per i Laici*, 17 maggio 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080517_vescovi-seminario.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

BENEDETTO XVI. *Omelia nella Santa Messa di inaugurazione della V Conferenza Generale dell'Episcopato Latinoamericano e dei Caraibi presso il Santuario "La Aparecida."* 13 maggio 2007. AAS, 2007. p. 433; EG 14.

BENTO XVI. *Discurso à peregrinação promovida pela Fraternidade, Comunhão e Libertação*, 24 de março de 2007. Vaticano. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20070324_comunione-liberazione.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

BENTO XVI. *Discurso ao clero, aos religiosos e às religiosas durante o encontro na catedral de São Rufino*, 17 de junho de 2007. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070617_clero-assisi.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

BENTO XVI. *Discurso aos jovens*. Assis, 17 de junho de 2007. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070617_giovani-assisi.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

BENTO XVI. *Discurso no encontro com o Comitê Central dos Católicos Alemães (ZDK) (24 de setembro de 2011)*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110924_zdk-freiburg.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

BRAVO, B. *La cultura, puerta de entrada de la urbe*. Congreso del Proyecto internacional e interdisciplinario de investigación Pastoral Urbana. México. 26 de febrero al 2 de marzo de 2013. Disponível em: <https://www.kath-theologie.uni-osnabrueck.de/fileadmin/PDF/www.icala.de.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano. 1992; CIGC 798. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/primapagina-cic_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



CASTELLANO, Jesús. *Carismi per il terzo millennio. I movimenti ecclesiali e le nuove comunità*. Roma: OCD, 2001. p. 11.

CIPRIANO DE CARTAGO. *De oratione dominica*, 23: PL 4, col. 553; LG 4.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Documentos da CNBB 109. Brasília, Editora: Edições CNBB, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965. Vaticano. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Vaticano: 1964. Não paginado; LG 4. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. Lettera Iuvenescit Ecclesia ai Vescovi della Chiesa cattolica sulla relazione tra doni gerarchici e carismatici per la vita e la missione della Chiesa. 15 maggio de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160516_iuvenescit-ecclesia_it.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Mutuae Relationes*. Vaticano, 1990; 34. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc_con_ccsrlife_doc_02021990_directives-on-formation_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

CORECCO, Eugenio. Profili istituzionali dei Movimenti nella Chiesa. In: CAMISASCA, Massimo. VITALI, Maurizio. (edd.). *I Movimenti nella Chiesa negli anni 80. Atti del 1° Convegno Internazionale (Roma, 23-27 Settembre 1981)*. Milano: Jaca Book, 1982. p. 203-234, p. 217.

DE ROSA, Giuseppe. I movimenti ecclesiali oggi. In: *La Civiltà Cattolica*, Roma, V. II, N. 155, p. 523-536, 2004.

FRANCISCO. *Viagem Apostólica do Papa Francisco ao Canadá. Homilia com os bispos, os presbíteros, os diáconos, os seminaristas e os agentes de pastoral na Catedral de Notre Dame em Québec*, 28 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220728-omelia-vespri-quebec.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.



FRANCISCO. Omelia nella Solenità di Pentecoste com i Movimentel le Nuove Comunità, le Associazioni e le Aggregazioni laicai, 19 maggio 2013. In: *Insegnamenti Di Francesco I*, 2013, Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

FRANCISCO. *Udienda Generale*, 1 ottobre 2014. L'Osservatore Romano, 2 ottobre 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienda-generale.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

FRANCISCO. *Homilia com os bispos, os presbíteros, os diáconos, os seminaristas e os agentes de pastoral na Catedral de Notre Dame*. Québec, 28 de julho de 2022. Não Paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220728-omelia-vespri-quebec.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GIOVANNI PAOLO II. Discorso agli appartenenti ai Movimenti ecclesiali e alle nuove Comunità nella vigilia di Pentecoste, 30 maggio 1998, n. 7. In: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*. XXI, 1, 1998. p. 1123.

GIOVANNI PAOLO II. Messaggio ai partecipanti al Congresso Mondiale dei Movimenti Ecclesiali promosso dal Pontificio Consiglio per i laici, 27 maggio 1998. In: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, v. XXI, n. 4, 1, p. 1061-1065, 1998, p. 1064.

PAULO VI. *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o Ecumenismo*. Vaticano, 21 de novembro de 1964. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

PAULO VI. *Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o Apostolado dos Leigos*. Vaticano, 28 de novembro de 1965. Não Paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

PIO XII. *Mystici Corporis*. 29 de junho de 1949. p. 206-230. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html. Acesso em: 15 jan. 2023.



RATZINGER, J. I Movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica. *In: Pontificium Consiliumm Pro Laicis. I Movimenti nella Chiesa – Atti del Congresso Mondiale dei Movimenti Ecclesiali*. Roma, 27-29 maggio 1998. Città del Vaticano: LEV, 1999. p. 23-51, p. 47.

RYLKO, Stanislaw. Il Concilio Vaticano II, pietra miliare nel cammino del laicato cattolico. *In: Pontificium Consilium pro Laicis. Atti del Congresso del Laicato Cattolico – Testimoni di Cristo nel nuovo Millennio* (Roma, 25-30 Novembre 2000). Città del Vaticano: LEV, 2000. p. 115-142, p. 133.

SECONDA ASSEMBLEA GENERALE STRAORDINARIA DEL SINODO DEI VESCOVI. Ecclesia sub Verbo Dei mysteria Christi celebrans pro salute mundi. *Relatio Finalis*, 7 de dezembro de 1985, II C 1: Enchiridion Vaticanum, v. 9, p. 1800.